

DISCURSO DE ABERTURA
Seminário “Operar no Mercado Único dos Bens Aplicar, Cumprir, Fiscalizar”
AERLIS, Oeiras, 22 de Março de 2017

Exmo. Senhor Dr. Almeida Lopes, Vice-Presidente da CIP - Confederação Empresarial de Portugal

Exma. Senhora Dra. Ana Maria Couras, Diretora Geral da FIOVDE- Federação de cosmética, detergentes e produtos de manutenção;

Exma. Senhora Dra. Mette Peetz-Schou, Assessora da DI - Confederação da Indústria Dinamarquesa;

Exma. Senhora Dra. Ana Catarina Fonseca, Diretora Geral da Direção Geral do Consumidor, Ministério da Economia;

Exmo. Senhor Dr. Pedro Portugal Gaspar, Inspetor Geral, ASAE- Autoridade de Segurança Alimentar e Económica;

Exmo. Senhor Dr. Nuno Miguel Banza, Inspetor Geral, IGAMAOT- Inspeção Geral da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território;

Exma. Senhora Dra. Ana Paula Raposo, Sub-Diretora Geral da Autoridade Tributária e Aduaneira;

Exmo. Senhor Dr. Joaquim Nunes de Almeida, Diretor da Política do Mercado Único, Regulação e Implementação da DG Growth, Comissão Europeia (que nos vem apresentar no final uma mensagem de vídeo)

Exma. Senhora Dra. Patrícia Gonçalves, Diretora Economia, CIP- Confederação Empresarial de Portugal;

Exmo. Senhor Dr. Luís Campos, Diretor Assuntos Europeus, DGAE- DG Atividades Económicas, Ministério da Economia;

Estimados Associados;
Minhas senhoras e meus senhores,
Muito bom dia e sejam bem-vindos a esta Vossa casa

A AERLIS - Associação Empresarial da Região de Lisboa – é uma força ao serviço das empresas e dos empresários, promovendo o seu desenvolvimento e crescimento.

Cientes dos desafios que se colocam ao associativismo temo-nos vindo a constituir como uma confederação regional por forma a envolver os diferentes movimentos associativos em presença no terreno, na certeza de que juntos seremos mais fortes.

A nível Nacional temos a honra de ser Vice-Presidentes do Conselho Geral da CIP (Confederação Empresarial de Portugal) e a nível Europeu sermos Vice Presidentes da BECC – Business European Capital Cities - (Organização que representa as Associações Patronais das Capitais Europeias).

A AERLIS é uma instituição sem fins lucrativos com o estatuto de utilidade pública que trabalha uma base de dados de mais de 85.000 empresas e que procura defender os interesses das empresas do Distrito de Lisboa.

Trabalhando em seis vectores fundamentais:

- Informação;
- Formação;
- Prestação de serviços às empresas;
- Internacionalização e atração de investimento estrangeiro;
- Promoção do Desenvolvimento Regional Integrado;
- Representação dos Interesses dos Associados.

A organização de seminários e de sessões de divulgação e esclarecimento tem permitido a prossecução de alguns dos objetivos essenciais da atividade da associação, incentivando o envolvimento dos empresários no debate.

Temos igualmente desenvolvido uma atividade diversificada de apoio às empresas, nomeadamente através do desenvolvimento de ações de formação para ativos e formação de formadores. Paralelamente, temos participado em diversos projetos transnacionais quer na área da responsabilidade social, quer na inovação tecnológica ou mesmo de apoio estruturado de formação ação a empresas nas mais diversas áreas de operacionalização da atividade das mesmas.

Procuramos trabalhar os chamados “fatores internos de competitividade” e nesse sentido apresentamos um conjunto diversificado de serviços às empresas, onde funcionamos como uma “Central de Serviços” ou uma “Loja do Empresário” com condições preferenciais para Associados e sempre que possível com recurso a apoio de financiamento da União Europeia.

Os nossos associados têm acesso a um conjunto de serviços transversais em condições preferenciais. Desde o apoio nas candidaturas aos incentivos disponíveis, à certificação de qualidade, à consultoria fiscal, aos diagnósticos energéticos, à higiene e segurança no trabalho, ao economato, entre outros.

Portugal é uma pequena economia aberta. Num universo de cerca de 360.000 empresas temos apenas cerca de 20.000 empresas exportadoras, e 70% das empresas exportadoras só tem um país como cliente. Consideramos ser vital o aumento das exportações portuguesas. Nesse sentido, apoiamos as empresas na identificação de parceiros e clientes, na estruturação de planos de negócio e marketing internacional e na candidatura a apoios e fontes de financiamento de forma a potenciar a internacionalização e exportação com sucesso.

O facto de sermos Vice-Presidentes da BECC tal como referi anteriormente, permite-nos potenciar o benchmarking com outros países e assim apoiar a exportação e/ou a internacionalização das nossas empresas para a Europa e não só.

É certo que nas últimas duas décadas muitos sectores da vida nacional se modernizaram. Novas indústrias e novas atividades têm vindo a afirmar-se. As empresas portuguesas adquiriram músculo e internacionalizaram-se. A comunidade empresarial soube, em determinadas áreas, reformular estratégias e modernizou-se em múltiplos aspetos. Mas é preciso fazer muito mais, reforçando a nossa base empresarial injectando-lhe mais massa crítica.

Todavia, para ter empresas competitivas implica que os subsistemas de educação e formação, de ciência e tecnologia estejam em condições de gerar as qualificações e as competências que o sistema empresarial carece. Implica também que interajam com as empresas.

É neste quadro que temos de conseguir criar as condições de acesso das empresas à informação e tecnologias especializadas e aos centros de produção e difusão do saber, nomeadamente através da investigação em sistema de cooperação envolvendo também as PME, a facilitação da criação de centros de

inovação integrados a montante das empresas; a promoção do acesso das empresas aos programas europeus e internacionais de I&D; a qualificação avançada de recursos especializados tecnologicamente e sua inserção em contexto empresarial; a dinamização de redes de inovação, no marketing, nas marcas e nas patentes, no design entre outros enquanto vetores estratégicos da competitividade.

Este desafio é tanto mais importante quanto é sabido que o nosso tecido empresarial é sustentado essencialmente por PME. Se formos capazes de assumir coletivamente esta cultura de empreendedorismo no nosso quotidiano, particularmente na escola e na empresa, creio que podemos então aspirar a um posicionamento competitivo superior ao atual.

Essa é também uma condição para caminharmos para uma especialização dinâmica das atividades económicas, com a adoção de modelos de negócio, de organização empresarial e de competitividade com o futuro, baseados em fatores críticos de competitividade, na aposta em competências distintivas, na inserção em redes de inovação e de excelência e na promoção da cooperação empresarial, na consolidação e no reforço de mercados externos.

Estou certo que as Associações Empresariais podem funcionar como catalisador para que, as empresas e os poderes públicos saibam construir uma parceria inteligente, estrategicamente orientada para estimular o empreendedorismo, a inovação e a competitividade do tecido empresarial existente, e criar condições para florescerem novos negócios.

Assim podemos vencer os desafios da economia do conhecimento, subir na cadeia de valor e, conseqüentemente, melhorar a atratividade do País e contribuir para a inovação e competitividade da economia portuguesa.

Esta sessão tem como principal objetivo aumentar a sensibilidade das empresas industriais, em especial as PME, relativamente à importância da aplicação das regras, da conformidade dos produtos e a fiscalização no Mercado Único Europeu dos Bens.

É, um grande privilégio contar com excelentes Oradores, que certamente irão contribuir para o sucesso desta iniciativa.

Agradeço uma vez mais a vossa presença na esperança que esta sessão corresponda às Vossas expectativas.